



As crianças são as que mais sofrem com as mudanças bruscas de temperatura, como a ocorrida na semana passada. Já o deputado Augusto Carvalho, asmático crônico, apela até para quererose



Asma, bronquite, pneumonia. O frio está chegando

Rubens Araújo

As bruscas mudanças climáticas, como as que ocorreram na última semana com a chegada de uma frente fria, deixam em perigo o pulmão do brasiliense. Os agasalhos com cheiro de naftalina tirados do guarda-roupa não impedem que a incidência de doenças respiratórias aumentem. O frio, mais a secura característica de Brasília, uma das piores do Brasil, fazem com que as asmas, bronquites e pneumonias sejam os casos de atendimentos mais comuns nos hospitais. Prova disso é o fato de que as doenças respiratórias estão em 2º lugar no ranking da mortalidade infantil no DF.

Os casos mais comuns de problemas respiratórios em Brasília são os resfriados, as crises de asma, as bronquites e as pneumonias. A maior incidência é da asma-brônquica, que segundo o coordenador do pronto-socorro Infantil do Hospital Regional da Asa Norte, Ivan Gonzaga Barbosa, não pode ser considerada uma infecção respiratória, e sim de caráter alérgico.

O deputado Augusto de Carvalho (PCB-DF) é um dos que sofrem com a asma. Seu caso é o que pode ser chamado de agudo. Sua asma manifestou-se aos sete anos. Quando chegou em Brasília aos 18 anos, as crises sumiram para reaparecerem 10 anos depois, «mais fortes do que nunca». «Agora tenho crises diárias», disse.

Rapadura com querose

Para resolver seu problema, Augusto Carvalho toma um forte remédio allopático que «corta a sensação de estrangulamento na mesma hora», muito embora traga consequências desagradáveis, como a taquicardia. «Já tentei de tudo, desde a homeopatia, a tomar rapadura com querose e colocar tartaruga debaixo da cama, mas nada adiantou. Só o remédio allopático me causa alívio por algumas horas», contou.

Cláudio Telles, crítico de arte e proprietário de uma galeria de arte, conseguiu diminuir suas crises asmáticas quando mudou de São Paulo para Brasília, em 1970. As crises nunca estancaram e, quando acontecem mudanças bruscas de temperatura, o peito «volta a chiar», expressão popular que qualifica a asma. Na seca, Cláudio sofre com intermitentes faringites e laringites. A solução: «alopatia braba. Só ela melhora meu estado».

Entre as infecções respiratórias convencionadas pelo Ministério da Saúde, as leves são a de maior incidência. O ministério classifica as infecções respiratórias em três grupos: leves, moderadas e graves. As leves são os resfriados comuns; as moderadas os resfriados que tiveram complicações, a partir do momento em que a pessoa adquire uma bactéria. O vírus da gripe mais a bactéria podem provocar pneumonias, amigdalites, otites e

sinusites. As graves, por fim, são aquelas provocadas por bactérias mais fortes e resistentes.

Questão social

Várias são as causas dos problemas respiratórios que atacam os brasilienses. Os pneumologistas, especialistas da área, não gostam de apontar uma como a principal. Sempre é um feixe deles que leva a pessoa a contrair bronquite ou pneumonia. Noélia Sargaço Carrazza, pediatra do hospital Regional da Ceilândia, disse que uma das maiores causas das complicações respiratórias é total social.

Noélia explica que uma pneumonia, mais frequente entre as classes baixas, é facilitada pela debilidade do organismo (veja box).

Apesar da desnutrição facilitar a doença respiratória, isso não significa, porém, que só a criança pobre vá ter, por exemplo, pneumonia. «Todos estão sujeitos à bactéria da pneumonia», disse. Ele inclusive teve um caso, raro, de um diplomata com «pneumonia bastante complicada». A diferença é que a classe alta tem mais poder de tratar suas pneumonias que a classe pobre.

Clima

Mas, se Noélia, Everton, Ivan e Dario apontam as condições sociais da pessoa como muito importante para o aumento da incidência dos problemas respiratórios, não negam também que o clima influencia nesses casos.

O pneumologista Carlos Saraiva e Saraiva atribui uma importância fundamental ao clima como causa desses problemas.

«Nossa respiração exige adaptações para que o ar que entra pelas narinas seja melhor digerido pelos brônquios e pulmões», disse Saraiva e Saraiva. Segundo ele, nossos pulmões são exigentes e pedem um clima ideal para poder funcionar normalmente. O clima ideal é o úmido, com uma temperatura não muito fria, e a concentração de oxigênio deve estar num nível de 21% em relação à pressão.

Saraiva e Saraiva explicam que a pressão de 21% do oxigênio nas nossas narinas é aquela sentida por quem mora ao nível do mar. A umidade relativa do ar, por sua vez, tem que chegar a 60%. O frio, por fim, também deve ser evitado.

O clima de Brasília não obedece a essas exigências do pulmão, por isso, de acordo com Saraiva e Saraiva, «brasiliense sofre pra burro». Brasília é ruim para os pulmões porque está 1.200 metros acima do nível do mar e sofre grandes quedas de umidade. Em tempo seco, como no dia 27 de agosto do ano passado, a umidade relativa do ar de Brasília caiu abaixo de 13%, que é o índice mínimo da Organização Mundial de Saúde — OMS.

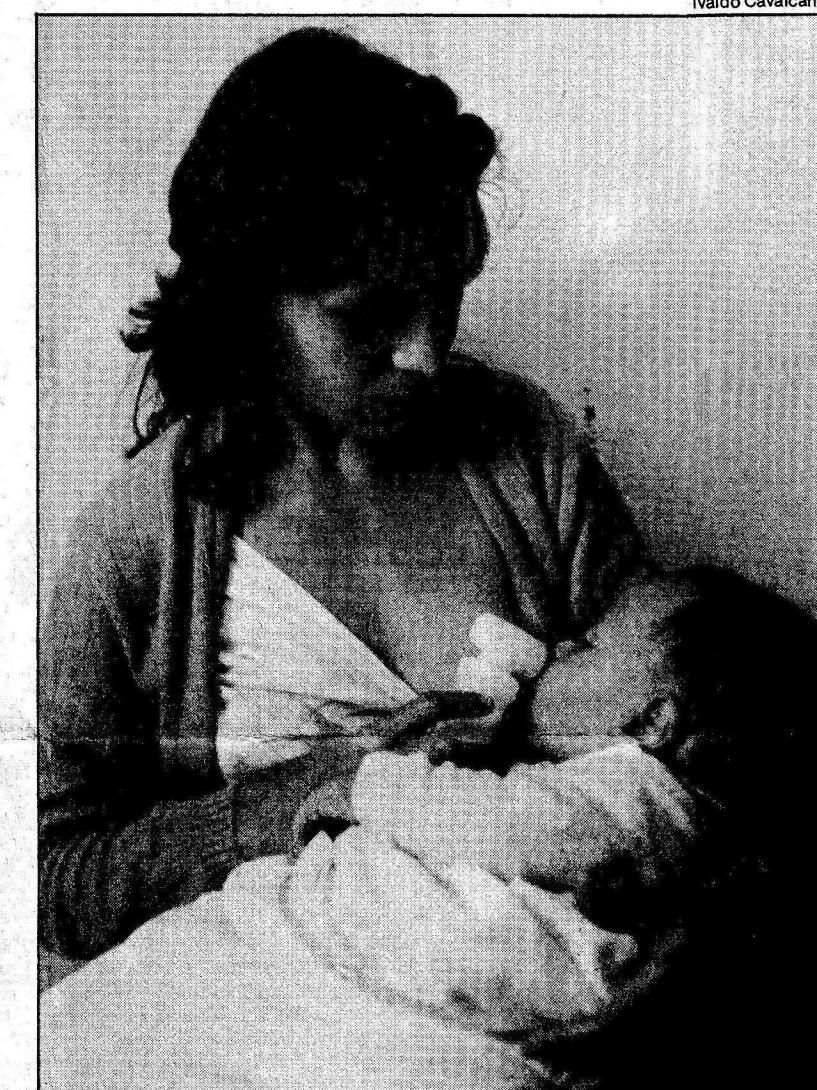
Desastroso

Saraiva e Saraiva disseram que Brasília na última semana passou por um clima desastroso para o brasiliense: um clima frio e seco, dois momentos insuportáveis para o pulmão. O médico explica que a seca e o frio diminuem os mecanismos de defesa do aparelho respiratório, dando assim mais espaço para as infecções pulmonares.

Temendo essas implicações é que uma ilustre autoridade brasileira, o presidente da República José Sarney, vai mudar temporariamente de residência. Ele sai do Palácio da Alvorada e vai passar a época da seca na Granja do Torto, a residência oficial do ex-presidente João Figueiredo. Sarney troca assim o clima seco do palácio pelo ar um pouco mais úmido do Torto. Foge, com isso, da possibilidade de infecção pulmonar e do calor que ronda sua residência oficial. O Presidente vai muito, também, para seu sítio perto de Brasília, o São José de Pericumã.

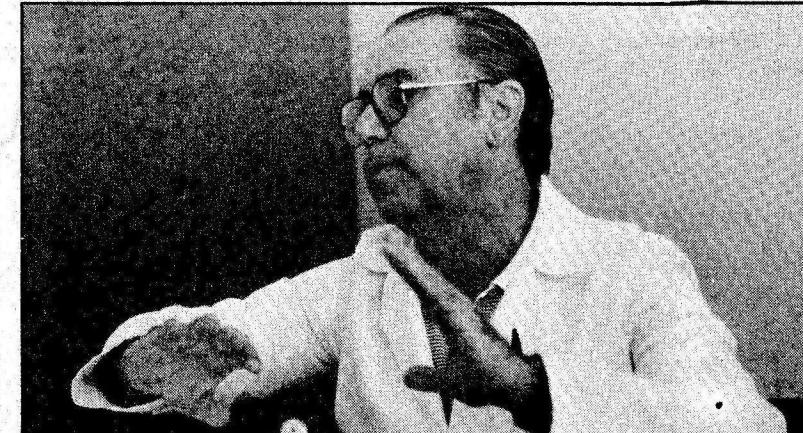


Único alívio é nebulizar



Mesmo no período de amamentação a nebulização é necessária

Roosevelt Pinheiro



Dário dos Santos: criança de "idade tenra" é a que mais sofre

Ivaldo Cavalcante



Nos pronto-socorros infantis aumentam as filas de crianças

Ceilândia, o quadro difícil

Do total de crianças atendidas no Pronto-Socorro Pediátrico do Hospital Regional da Ceilândia, no último final de semana, metade apresentava problemas respiratórios. Em Brasília, depois das doenças perinatais, as respiratórias são a maior causa da mortalidade infantil.

Os hospitais da cidade já se acostumaram com o fato. Com a mudança brusca do clima, as crianças, principalmente as de classe mais baixa, sentem a função respiratória complicar. A frente fria que baixou em Brasília a partir do sábado retrasado desencadeou a incidência de casos. «No final de semana passado houve muitos casos de crianças com problemas respiratórios. Das crianças que atendi, pelo menos 40% tinham bronquite asmática ou pneumonia», disse a pediatra Célia Xavier, do Hospital Regional da Ceilândia.

No Hospital Regional da Asa Norte, o quadro se repete. Segundo os cálculos do coordenador do pronto-socorro infantil, Ivan Gonzaga Barbosa, na época do frio, 50% do atendimento tem a ver com doenças respiratórias, enquanto que 25% das internações nessa área são de crianças com pneumonias. «Esse não é um clima bom para a saúde. Minhas duas crianças, inclusive, já tiveram pneumonia», disse Ivan.

Os cálculos do chefe de pediatria do Hospital Regional da Asa Sul, Dário dos Santos mostram que, em períodos de frio, a incidência de crianças com problemas respiratórios aumenta de 20 a 30%. E quem mais sofre com esse período, segundo Dário, são o que ele chama de criança com idade tenra, ou menores de 1 ano de idade por terem as defesas orgânicas mais frágeis. O pediatra disse que dos 110 atendimentos diários, 70% apresentam problemas respiratórios.

As estatísticas da Coordenação do Programa de Assistência à Saúde da Mulher e da Criança, do Departamento de Saúde do DF, reúnem ainda mais os dados dos pediatras. De todas as crianças que morreram em 1980, 15% tiveram como «causa mortis» a pneumonia. Número que não modificou muito em 1985, ano do último censo: 14% morreram devido a doenças respiratórias, a maioria de perinatais.

Nesse ranking as doenças respiratórias só perdem para as doenças perinatais (morte no feto ou algumas semanas depois), que em 80 foram responsáveis por mais da metade das mortes, 56% e por 46% em 1985. O peso das mortes por doenças respiratórias, contudo, é maior, já que as mortes por doenças perinatais são mais difíceis de serem evitadas, já que dependem muito da saúde da mãe na fase da gestação.

Corina Bontempo de Freitas, coordenadora do programa do Departamento de Saúde, disse que a mortalidade infantil por doenças perinatais e respiratórias reflete muito a questão social. Se as crianças morrem de pneumonia, isso se deve em grande parte à falta de condições financeiras das famílias. A movimentação mais intensa do pronto-socorro pediátrico do Hospital da Ceilândia em descompasso com o da Asa Norte seria uma prova.

Noélia Sargaço Carrazza, chefe da pediatria do Hospital da Ceilândia explicou que a criança da classe baixa é um alvo muito mais fácil da pneumonia. O motivo principal é a desnutrição. «As crianças que pegam uma gripe ou uma bronquite podem facilmente, se não forem tratadas adequadamente, ter o problema respiratório complicado, porque o organismo debilitado é muito mais sensível à bactéria da pneumonia», esclareceu Noélia.

Veja as doenças mais comuns

ASMA BRÔNQUICA — Não é infecção pulmonar. É considerada como a hipersensibilidade dos brônquios às partículas suspensas no ar, como a poeira e o pólen das flores, dai possuir um fundo alérgico.

SINTOMAS — O maior sintoma da doença é espasmo do brônquio, ou seja o movimento de tensão e distensão abrupto das vias respiratórias. É esse espasmo que dá no asmático a sensação de cansaço e estrangulamento. A dificuldade de respirar do doente acontece porque a via respiratória diminui de calibre, provocando assim a menor entrada de oxigênio nos pulmões.

TRATAMENTO — O pneumologista Saraiva e Saraiva sugere que o asmático brasileiro se prevenha contra a secura. Ele indica uma prática milenar

que é colocar em toda a casa baldes de água fria, para aumentar a umidade do ar. Sugere também a nebulização.

BRONQUITE CRÔNICA — A doença é caracterizada pela destruição do muco, substância que lava os brônquios, matando desse modo, os germes que entram pelas narinas. É uma das doenças do século industrial, por que teve um aumento súbito de casos com a poluição, via indústria, e pelo crescimento do consumo do cigarro.

SINTOMAS — Tosse ininterrupta e a secreção constante do catarrro. A medicina chama essa pessoa de «Broncorreico».

TRATAMENTO — De acordo com Saraiva e Saraiva o cigarro é o grande agravante da bronquite crônica. Por isso, a primeira medida que se deve tomar para curar a bronquite é aban-

donar o cigarro. Outra sugestão são exercícios freqüentes que ajudam, com o movimento da caixa torácica, uma melhor eliminação da secreção.

PNEUMONIA — Ao contrário da asma e da bronquite, a pneumonia chega ao nível dos alvéolos, ou seja, ataca diretamente o pulmão e não apenas as vias respiratórias, como acontece com as outras duas. É caracterizada pela infecção de uma área do pulmão. Por isso é mais perigosa.

SINTOMAS — Dificuldade de respiração, respiração doida, febre e tosse freqüente.

TRATAMENTO — O remédio mais comum e efetivo usado no combate à pneumonia é a penicilina. A prevenção pode ser feita através da boa alimentação, ginástica e do não abuso de bebidas alcoólicas e do cigarro.